

UMA REALIDADE ESCARLATE: Reflexões Psicanalíticas Acerca do Luto na Perspectiva da Personagem Wanda Maximoff

Samara Rodrigues Santos¹
Faculdade Santo Antônio de Pádua - FASAP

Resumo: Freud se dispõe a falar do luto em seu escrito de nome Luto e Melancolia (1917 [1915]), mas o assunto perpassa a existência humana desde o momento em que nos deparamos com alguma mudança, um rompimento na relação, uma perda de um objeto no qual direcionamos nosso afeto; esse objeto, porém, não precisa ser necessariamente alguém ou sua respectiva catexia, variando desde perda de empregos, relações amorosas que findaram ou até uma catástrofe natural que retire a moradia do sujeito. Autores contemporâneos, como Dunker, acrescentam à visão freudiana de que o luto possui em sua essência variadas maneiras de ser vivido, inclusive evitando vive-lo. Dentre essas possibilidades, pode-se citar a sublimação, a fixação ou mesmo o luto infinito. Wanda Maximoff, da minissérie WandaVision, se mostra uma personagem passível de análise de sua vivência enquanto ser humano real e fictício, convivendo com a perda de entes queridos e de sua liberdade desde os primórdios de sua vida, demonstrando a presença vívida do luto. O trabalho aqui descrito pretende dissertar sobre o triângulo luto, psicanálise e a história da personagem principal da minissérie WandaVision, Wanda Maximoff. Para tal, autores como Freud, Lacan, Kübler-Ross e Dunker serão utilizados de modo a sustentar a análise da minissérie e suas referências ao contexto psicanalítico sobre o luto.

Palavras-chave: Luto, Mecanismos de Defesa, Psicanálise, Wanda Maximoff

A SCARLET REALITY: Psychoanalytic Reflections on Mourning from the Perspective of the Character Wanda Maximoff

Abstract: Freud is willing to talk about mourning in his writing called Mourning and Melancholia (1917 [1915]), but the subject permeates human existence from the moment we are faced with some change, a break in the relationship, a loss of an object in which we direct our affection; this object, however, does not necessarily have to be someone or their respective cathexis, ranging from job loss, love relationships that ended or even a natural catastrophe that destroys the subject's home. Contemporary authors, such as Dunker, add to the Freudian view that mourning has, in essence, different ways of being experienced, including avoiding experiencing it. Among these possibilities, one can mention sublimation, fixation or even infinite mourning. Wanda Maximoff, from the miniseries WandaVision, is a character that can be analyzed in her experience as a real and fictional human being, living with the loss of loved ones and her freedom since the beginning of her life, demonstrating

¹ E-mail: samarasantos@live.com

the vivid presence of mourning. The work described here intends to discuss the triangle of mourning, psychoanalysis and the story of the main character of the miniseries *WandaVision*, Wanda Maximoff. To this end, authors such as Freud, Lacan, Kübler-Ross and Dunker will be used in order to support the analysis of the miniseries and its references to the psychoanalytic context of mourning.

Keywords: Defense Mechanisms, Mourning, Psychoanalysis, Wanda Maximoff

INTRODUÇÃO

O diálogo entre o luto e o sujeito pode, por vezes, ser conflituoso, uma vez que enquanto sociedade tendenciamos a evitar expor esse lado dito como frágil, vulnerável. Além disso, o medo da morte e do morrer é demasiado presente e acaba por ser um empecilho no trabalho da fala. (SOLEDADE e SOUZA, 2021)

Mas para pensarmos sobre luto, precisamos antes compreendê-lo em definição – em específico, no ponto de vista de psicanálise; dito por Freud em “Luto e Melancolia” (1917 [1915]), o luto é considerado uma reação à perda de um objeto no qual designamos algum afeto, variando desde pessoas reais em suas representações simbólicas, até empregos, animais de estimação e relações em um geral.

A ficção mostrada nas telas, seja em plataformas de transmissão de filmes e séries, na televisão ou mesmo nos cinemas, parece oferecer artifícios que facilitam a compreensão do processo de luto dentro da perspectiva da psicanálise. É o que ocorre na minissérie *WandaVision*, que conta com mais detalhes a história da personagem Wanda Maximoff, ou a Feiticeira Escarlata, dentro do Universo Cinematográfico da Marvel, interpretada pela atriz Elizabeth Olsen.

A personagem Wanda Maximoff vivera perdas desde os primórdios de sua existência, a começar pelo assassinato dos pais quando tinha apenas 10 anos. Em seguida, acabou por perder sua liberdade ao sofrer experimentos em uma base científica, poucos anos depois tendo que passar pela morte de seu irmão gêmeo, Pietro. Além de situações pontuais ao longo dos filmes, Wanda também vivencia a perda de Visão, o robô humanóide qual criou um vínculo afetivo intenso.

Por conseguinte, Wanda cria uma anomalia que afeta civis inocentes ao deixar toda uma cidade sob seus comandos utilizando magia. Lá, seguiam um roteiro ditado pela feiticeira, qual reescrevia a realidade para que alcançasse suas realizações pessoais de ter uma família e viver em harmonia com seu esposo Visão. Essa foi a forma como encontrou de expressar sua dor enlutada.

Através da análise psicanalítica é possível observarmos semelhanças da ficção com a realidade; da realidade escarlate de Wanda com a realidade de muitos sujeitos não dotados de magia. Dito isto, surge a pergunta: a partir do ponto de vista da psicanálise, a ficção se mostra capaz de falar do processo de vivência do luto?

Com a relevância de interligar os três temas – psicanálise, luto e a ficção –, o designado artigo utilizará da metodologia da revisão sistemática de literatura, tendo como objetivo para além de responder a questão anterior; procura-se provocar a reflexão sobre os artifícios da psicanálise para com o luto, dentro da perspectiva da história da personagem Wanda Maximoff, expandindo, também, para os demais sujeitos enlutados que sofreram perdas em suas mais singelas singularidades.

O LUTO SUSTENTADO PELA VISÃO PSICANALÍTICA

Ao questionar “o que é a psicanálise?”, não há como prever quais serão as possíveis respostas, e só isso já pode explicar um pouco do que é a psicanálise. A psicanálise se propõe a abranger as ambiguidades, as ambivalências, o inexplicável, aquilo que se mostra sem sentido; “ocupa-se das coisas simples e complexas, mas eternamente atuais”. (NASIO, 2020, p. 13)

Enquanto a psicologia tem como objeto de estudo o ser humano em sua totalidade singular, a psicanálise evidencia o inconsciente, uma parte psíquica do ser humano onde residem uma representação dos desejos, das pulsões, dos traumas, de tudo aquilo que não temos acesso direta e conscientemente com facilidade. (ROUDINESCO e PLON, 1998)

Sigmund Freud, o considerado pai da psicanálise, foi quem ousou pesquisar a fim de

buscar compreender e posteriormente descrever as ocorrências históricas em sua clínica, ao notar que a origem daquele sofrimento não era biológica e sim psíquica, instigando-o a cogitar a hipótese de haver um campo à época inexplorado cientificamente. (ZIMERMAN, 2010)

Sua teoria se sustenta na sexualidade infantil, nas fantasias e respectivos traumas, e principalmente na elucidação do inconsciente e as barreiras transferenciais que ali residem, barreiras essas que impedem que os conteúdos traumáticos tomem o estado consciente, visto que o objetivo dessa censura é proteger o acesso direto que o sujeito teria àquilo que lhe causa tamanha dor. (GARCIA-ROZA, 2009; ROUDINESCO e PLON, 1998)

A censura citada por Freud é inicialmente correlacionada entre o inconsciente e o pré-consciente, e também pelo pré-consciente e o consciente, subindo de nível gradativamente e representando uma nova censura; esses conceitos correspondem à primeira tópica. Quando Freud então escreve sobre a segunda tópica, passa a compreender a censura como uma consciência moral, ou seja, uma espécie de censor do ego que trabalha junto do superego. (ROUDINESCO e PLON, 1998)

Freud inicia, ainda, a sugestão da existência de alguns mecanismos de defesa do ego, mas somente Anna Freud, filha e também uma das discípulas de Sigmund Freud, é quem os descreve com maior clareza.

Os mecanismos de defesa do ego têm como finalidade manter o sujeito são dentro de sua respectiva realidade, evitando possíveis sofrimentos – ainda que o faça com outro sofrimento. Esses mecanismos são desenvolvidos pela personalidade e colaboram na resolução de conflitos intrapsíquicos gerados pela tensão entre as exigências exteriores, os desejos e pulsões do id e as ameaças do superego (SILVA, 2010; FREUD, 2006).

Para o atual escrito, os mecanismos de defesa explorados serão os da negação, da sublimação, da repressão ou recalque, da identificação, da projeção e da fixação.

Ainda sobre Freud, como obra de destaque, é possível citar *A Interpretação dos Sonhos* (1900), um livro em que o autor trata – também – dos sonhos, momento onde se realiza os desejos, aqueles que não se pode ter enquanto sujeito consciente, desejos que

são jogados para o esquecimento através do recalque. Junto deles, há os restos diurnos, partes do dia que podem estar ou não associados ao desejo em questão, formulando toda a estrutura onírica. (FREUD, 1900)

Ao longo de sua vida, Freud compartilhou muito dos seus ensinamentos com seus discípulos, além de inspirar pessoas fora desse círculo que igualmente se motivaram a pesquisar e compreender melhor o existir humano pela perspectiva do inconsciente. Jean-Jacques Lacan é um dos nomes que também está associado intimamente com a psicanálise, já que foi um dos fieis discípulos de Freud que ousou ir além da teoria freudiana, foi criativo, releu e reinventou Freud. (MATZ, S/A)

Dentre as inúmeras contribuições de Lacan, interessa dizer que a ideia do inconsciente é deixada um pouco de lado para que ele pudesse fundamentar seus próprios conceitos, dando um enfoque muito maior a linguagem e redefinindo as três instâncias freudianas (id, ego e superego) para: Real, Simbólico e Imaginário.

Dunker (2016) distingue essas três concepções lacanianas da seguinte forma: para falar do Imaginário, é necessário falar da imagem. O ser humano é um ser que muito se relaciona com as formas de expressões visuais, como por exemplo captar no rosto dos demais se está sendo bem recebido em sua totalidade ou não. Essa visualização, porém, pode ser, e muita das vezes é, um tanto distorcida do que de fato a outra pessoa está expressando. O Imaginário é o campo da alienação, é o momento em que falamos a partir do nosso próprio ego, podendo citar aqui também a projeção. (DUNKER, 2016)

Já no Simbólico há um corte na ideia do imaginário ao reduzir a associação entre os indivíduos, ao reduzir o sentimento de “o que sou, o outro também é”. O Simbólico pode ser definido como um conjunto de posições e lugares onde os elementos ali presentes não possuem uma significação ou um significado, mas que há a possibilidade de realização do desejo mediante a impossibilidade de satisfação. Possui uma relação íntima com a linguagem e Lacan o articula com o inconsciente e descreve que a real importância está na relação que o elemento em questão tem com a totalidade. (DUNKER, 2016; JÚNIOR, 2012)

Enfim, o Real não pode ser dito como a realidade, por ser o aspecto onde não há

sentido, não há uma integração dos elementos; é aquilo que não se pensa, o que não se nomeia, é o recorte que não temos acesso direto, somente através das repetições que também não possuem sentido. (DUNKER, 2016)

Embora Lacan tenha descrito que o trabalho de luto se interliga diretamente com os vínculos quais o desejo se encontra suspenso, mostrando ainda que a angústia de castração pode impelir o sujeito a querer fazer o trabalho de luto (CARAMORE, 2004), a psicanálise se ocupa em falar do luto desde Freud, em um de seus textos de nome “Luto e Melancolia” (1917 [1915]).

Freud descreve o luto como uma reação à perda de um objeto ou de uma representação psíquica desse objeto, no qual designamos nosso interesse, ou o que chamamos cotidianamente de amor. É um processo natural e inevitável ao ser humano, ou seja, estamos todos suscetíveis a passarmos pelo luto em suas mais variadas formas. (FREUD, 1917 [1915])

O processo de elaboração do luto se inicia no momento em que o sujeito enlutado utiliza do teste de realidade para perceber que o objeto amado deixou de existir, o que significa que toda a energia libidinal direcionada ao mesmo precisa ser removida e redirecionada. (FREUD, 1917 [1915] apud MENDLOWICZ, 2000).

No entanto, por se opor a essa opção, uma vez que “o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia” (FREUD, 1917 [1915], p.129), pode ocorrer o que é nomeado de afastamento da realidade, conectado a um apego ao objeto, o que pode desencadear uma psicose. É esperado que o que se apresenta na realidade vença, mas à maneira do indivíduo em questão. (FREUD, 1917 [1915]).

Assim, torna-se possível afirmar que o tempo passa de forma diferente quando estamos em processo de luto, e é necessário que tanto o tempo do luto quanto o luto sejam respeitados, que haja uma abertura para a escuta dessa fala dolorosa e sofrida, e principalmente que sejam percebidos em suas singularidades, a considerar que uma interferência apressada dentro desses aspectos pode ser prejudicial ou até mesmo

patológica. (DUNKER, 2019)

A elaboração do trabalho de luto ocorre, então, quando há a recuperação da libido, outrora voltada para o próprio sujeito e para a sua respectiva recém falta, mais especificamente a tudo e qualquer coisa que se relacione direta e indiretamente com o objeto perdido, para que o sujeito enfim retome o interesse pelo mundo exterior. (FREUD, 1917 [1915] apud MENDLOWICZ, 2000)

Elisabeth Kübler-Ross reflete, em seu livro “Sobre a Morte e o Morrer” (1969), a respeito da experiência de viver a morte a partir de uma visão mais íntima das doenças crônicas e dos pacientes terminais, observando como são as reações perante a hipótese da finitude. Assim, ela cria a sua teoria das 5 fases do luto, sendo elas: a negação e isolamento, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação. É importante falar que apesar de serem descritas em uma ordem, não necessariamente são vividas nesse padrão, e cada sujeito em sua subjetividade irá perpassar por elas de variadas maneiras. (BARCELLOS e MOREIRA, 2022)

Ainda sobre formas de viver o luto, o DSM-5 sugere a possibilidade da medicalização para o tratamento da depressão provinda do luto, seguindo a perspectiva do tempo cronológico para definir a necessidade ou não de intervenção medicamentosa. (APA, 2014)

Posto isto, de modo a tornar um pouco mais palpável um assunto subjetivo, como é o caso do luto, a minissérie WandaVision parece oferecer artifícios possíveis de explicar termos da psicanálise que envolvam o luto, como a fixação e o caminho para uma conclusão do luto. Também parece se mostrar capaz de explicar um pouco a maneira como as resistências funcionam, o poder da cura através da fala (catarse), da volta ao passado e reviver, em partes, os traumas, os sonhos, e a elaboração de todos esses aspectos.

Será utilizado o material cinematográfico exposto até o ano de 2021, podendo sofrer mudanças futuras uma vez que a história de Wanda permanece em construção. É importante ressaltar, também, que o que será manejado como fonte de informação é diretamente ligado ao Universo Cinematográfico da Marvel, que apesar de ser uma adaptação das histórias em quadrinhos, não se relacionam ao todo.

VOCÊ PRECISA ME DIZER QUEM ELA É

No ano de 2014, a Marvel Studios lançava o filme Capitão América 2: O Soldado Invernal qual introduziu dois personagens novos ao universo cinematográfico da Marvel, ou o UCM: Pietro Maximoff e Wanda Maximoff, também conhecidos como os gêmeos Maximoff, interpretados respectivamente pelos atores Aaron Johnson e Elizabeth Olsen.

Na cena pós-créditos do filme foi mostrado a existência desses dois aprimorados que possuíam habilidades sobre-humanas. No entanto, apenas no filme Vingadores: Era de Ultron (2015) é que começaram a ter seus potenciais verdadeiramente explorados.

Enquanto Pietro domina a arte da supervelocidade, tornando-se tão rápido ao ponto de ser quase imperceptível aos olhos humanos, Wanda por sua vez envolve-se com âmbito psíquico e da realidade, podendo controlar pessoas baseando-se em seus medos, inserir percepções distorcidas de realidade e conseqüentemente muda-la, *telecinese* (levar objetos usando o poder da mente), sustentar e mover o próprio corpo pelo espaço, e soltar disparos de energia *psiônica* (energias provindas da mente). Ainda assim, durante seu percurso até a série *WandaVision*, considera-se que Wanda não explorou totalmente todas as suas habilidades, principalmente envolvendo a Magia do Caos. (LETAMENTI, 2021)

A personagem nascida na cidade fictícia Sokovia, localizada na Rússia, acumulou vivências importantes em cada um dos filmes que participou ao longo dos sete anos até a série *WandaVision* de 2021, sendo estes filmes: os dois já citados anteriormente, Capitão América: Guerra Civil (2016), Vingadores: Guerra Infinita (2018) e Vingadores: Ultimato (2019). (MARVEL, S/A)

Sua história, porém, ganhou um destaque grandioso em sua própria minissérie chamada “*WandaVision*”, ou em português “Wanda e Visão”, inaugurada no ano de 2021 na plataforma de *streaming* Disney+, e que pela ordem cronológica do UCM ocorre logo depois do final de Vingadores: Ultimato (2019).

A minissérie possui uma atmosfera inicial inocente e engraçada. Propõe-se a contar

a história de Wanda e Visão, um casal formado pela referente feiticeira e seu grande objeto de amor de nome Visão, um robô humanoide, ou um androide sintético, interpretado por Paul Bettany, que foi criado anteriormente em Vingadores: Era de Ultron (2015) por Tony Stark, o Homem de Ferro interpretado pelo ator Robert Downey Jr, Bruce Banner, o Hulk interpretado pelo ator Mark Ruffalo, e Thor, interpretado por Chris Hemsworth.

Wanda e Visão se casaram recentemente e passam a compartilhar a nova fase da vida na cidade fictícia de *Westview*, localizada em Nova Jersey nos Estados Unidos. A forma como a história do casal é contada se dá através do estilo de seriados de comédia (*sitcoms*) antigos, começando nos anos 50, avançando pelos anos 60, 70, 80, 90, 2000, até chegar na atualidade.

A grande quebra de expectativas ocorre na medida que o telespectador começa a acumular informações sugeridas sutilmente ao longo dos episódios iniciais, e nota gradualmente que o que está sendo mostrado não é tão adorável, inocente e engraçado. Wanda, na verdade, está controlando toda a cidade com seus poderes, criando assim uma realidade utópica onde consegue ter presente em vida Visão, quem outrora morreu em Vingadores: Guerra Infinita (2018), concluindo pouco a pouco os planos que moldaram enquanto estavam juntos.

Ao longo da minissérie, é explorado a forma como Wanda lida com os vários lutos que perpassou sua existência, desde a perda de seus pais quando tinha 10 anos, a perda de sua liberdade ao se tornar cobaia de uma base de experimentos científicos, a perda de seu irmão gêmeo, Pietro, até a perda mais recente, Visão, o ser com quem se relacionava intimamente e desenvolvera grande e intenso afeto.

Além de todas essas, houveram situações traumáticas que também contribuíram no que ela se tornou, como por exemplo a ocorrência em Lagos, na Nigéria, onde Wanda acabou por matar centenas de civis inocentes quando tentava proteger um de seus aliados de uma bomba, no filme Capitão América: Guerra Civil (2016).

Mas o ponto principal que aqui será analisado é a forma como Wanda perpassa pelo seu luto, suas permissões e próprios impedimentos a respeito da dor da perda, algo tão

constante em sua vida; bem como a forma como a série oferece artifícios que podem ser observados em comparação à teoria da psicanálise, envolvendo a censura, a resistência, a volta ao passado como forma de entender o presente (lembrar, repetir e elaborar), entre outros.

A REALIDADE ESCARLATE DO LUTO DE WANDA MAXIMOFF

Wanda Maximoff viveu severas mortes, algumas possuindo um espaçamento tão pequeno que demonstra não ter conseguido vivenciar o luto por completo. É apresentado nas telas que em nenhum momento se permitiu vivenciar essas perdas de forma crua, postergando a dor do luto, acabando por se manter em um ciclo aparentemente infundável de repetições.

Para analisar a referente história, destrincharemos a minissérie tal qual uma psicoterapia, escutando Wanda a medida e à forma como ela decide nos contar em *WandaVision*.

O estilo escolhido foi o gênero *sitcom*, que possui uma relação íntima de conforto com a feiticeira: durante sua infância compartilhava os momentos em família assistindo seriados desse gênero. Mesmo quando seus pais foram assassinados num ataque de mísseis, Wanda na época passou os dois dias presa nos escombros assistindo à televisão que continuava a transmitir um seriado desse gênero. Dessa forma, vemos a importância de um sujeito em terapia se sentir acolhido ao relatar a sua história, deixando-o narrar à sua maneira, alcançando, pouco a pouco, a sua própria cura. (FOCHESATTO, 2011)

Como ocorre em seriados de TV, Wanda traz também os comerciais em sua série, utilizados por ela como uma forma de censura, uma resistência; dentro da clínica psicanalítica, a resistência é vista como um obstáculo que impede alcançar o conteúdo inconsciente recalcado, evitando qualquer espécie de contato com o seu sintoma que não seja aquilo que já está acostumado. Essa resistência é uma resistência do Eu, ou Ego, uma vez que aparece como recalque, ainda que se referindo ao seu luto Wanda utilize mais a

resistência do Isso, ou Id, qual leva a compulsão à repetição. (ROUDINESCO e PLON, 1998)

Quando Freud (1912) relata sobre a transferência e a resistência, diz que apesar da resistência trazer uma tensão ao tratamento, é um artifício passível de manejo para que seja utilizado a fins de encontrar a cura, que seria uma resolução possível daquele sintoma. Esse fato é visível em *WandaVision* quando analisamos esses comerciais de maneira mais pessoal, correlacionando cada conteúdo existente neles com a história da personagem que só descobrimos ao assistir filmes anteriores e os capítulos seguintes da minissérie.

É de grande importância ressaltar que, seja em terapia ou dentro da análise da minissérie, só descobrimos as associações entre os assuntos abordados nas propagandas (ou nas resistências) e a respectiva vivência do sujeito no momento em que este nos conta, podendo ser antes ou depois da aparição dessa resistência. Ou seja, no trabalho psicanalítico não há uma cronologia exata que intermedie o inconsciente. (VICENTE, 2011)

Uma forma de exemplificar é através do primeiro comercial mostrado logo no episódio inicial da série, onde é apresentado uma torradeira da marca “Indústrias Stark”.

Tony Stark, ou o Homem de Ferro, possui uma presença demasiada marcante e traumática na vida da Maximoff; foram as Indústrias Stark que produziram os mísseis que atingiram e assassinaram os pais de Wanda, quando esta tinha dez anos. Presa nos escombros, tanto Wanda quanto seu irmão Pietro observaram em agonia por dois dias a luz vermelha do míssil piscar, não sabendo se ele estava prestes a explodir ou não.

O barulho de ligar o produto do comercial se assemelha ao som dos jatos do traje do Homem de Ferro, assim como o *tic-tac* e a luz vermelha piscando no aparelho que trabalha em esquentar os pães se equipara ao mesmo barulho e luz piscante do míssil. Mais do que uma correlação traumática de perda, ocasionando um esperado luto, a cena que mostra com detalhes o que ocorreu naquela noite na casa dos Maximoff só é transmitida no penúltimo episódio da série, ainda que logo no primeiro já hajam vestígios desse trauma.

Os demais comerciais também se interligam com a história da Maximoff, sustentando a hipótese de que de fato a história do sujeito é atemporal e que as resistências se

correlacionam firmemente com os respectivos traumas do indivíduo, todavia, não serão o foco principal aqui.

Ao alcançarmos o penúltimo episódio da série, nomeado como “Nos últimos capítulos...”, temos a revelação que uma das personagens da série, Agnes, interpretada por Kathryn Hahn, é na verdade a bruxa Agatha Harkness. Ela se mostra uma vilã que busca compreender a origem dos poderes de Wanda, mais especificamente o meio como a própria criou o *Hex*.

A fins de elucidação, *Hex* é o nome dado à anomalia criada na cidade fictícia *Westview*, tendo como principal característica o estar sob o controle de quem o criou: Wanda. Tudo o que o *Hex* cobriu foi dominado pela feiticeira, desde pessoas até casas e derivados, cada mísero detalhe sendo moderado a seu agrado, nunca deixando de lado o aspecto dolorido e sofrido vivenciado pela própria.

Para tentar compreender o meio qual Wanda realizou o feito, Agatha usufrui da metodologia de retornar ao passado da feiticeira escarlata através de portas mágicas que as levam em pontos específicos da vida dela, mas que possuíam em comum a presença da falta, da perda; a começar pela cena anteriormente detalhada e talvez a que mais teve impacto: a morte dos pais de Wanda.

Para a segunda porta, Wanda demonstra uma resistência maior, dizendo “eu não quero voltar lá” (WANDAVISION, 2021), e Agatha rebate falando que a única forma de ir adiante, é retornando, um artifício muito idêntico ao que se trabalha na psicanálise.

A referente porta mostra o espaço onde Wanda e Pietro serviram de cobaias para uma base de experimentos em humanos. Buscavam, de alguma forma, mudar o mundo e também vingança após o assassinato dos seus progenitores. Nesse espaço, Wanda acaba por perder, também, a sua liberdade ao sofrer os abusos dos testes realizados para entender sua capacidade enquanto humana aprimorada. Além disso, é exposto que continuava a assistir as *sitcoms* como forma de se acalmar.

Agatha realiza o papel de analista ao interpretar à Wanda o que havia compreendido do que até então foi mostrado; a Maximoff, órfã, se tornou íntima da pedra mágica que

ampliou os seus poderes até então esquecidos (foi Wanda quem impediu o míssil de explodir, ainda que não soubesse disso; assim sendo, possuía seus poderes desde seu nascimento, mas os manteve latente até a adolescência). Essa mesma pedra mágica ficava acoplada na testa de Visão, mantendo-o vivo.

Como forma de prosseguir a sugestão de Agatha, a porta seguinte escolhida por Wanda mostra a cena onde ela e Visão dialogam sobre o sentido das *sitcoms* e também o sentido do luto.

Em seu livro “Uma biografia da depressão”, Dunker (2021) diz que existe um estado de falta de amparo presente na depressão, que possui em sua essência também uma recusa ao crescimento, como uma espécie de paralização do desenvolvimento, ou mesmo uma regressão que se produz devido ao teste de realidade que por sua vez se torna traumático. Wanda apresenta uma tremenda resistência em chegar no estágio final da compreensão da morte de Pietro, assim como teve ao viver o luto de seus pais.

Wanda transferiu a falta de amparo dos seus progenitores àquele que até então seria seu único vínculo afetivo familiar. Perdê-lo significa ter de buscar outro lugar para depositar esse desamparo, e Visão demonstra desde o princípio a preocupação em deixá-la bem, acabando por se tornar o objeto qual Wanda designa sua energia psíquica como forma de se manter sã.

A porta final é, enfim, alcançada. Nela temos o desenrolar do enredo que se encaixa perfeitamente: cronologicamente, são 5 anos após a morte de Visão em Vingadores: Guerra Infinita (2017), após Wanda voltar do estalo do Thanos (o maior vilão até então dos Vingadores) que ocasionou em 50% de todos os seres vivos serem temporariamente apagados, Wanda sendo um desses. A primeira coisa que a feiticeira fez após findar sua tarefa como heroína foi procurar pelo corpo de Visão.

O que encontra não é agradável tampouco aos olhos nem aos ouvidos; o ser qual se relacionou por um período curto, mas importante, sincero, intenso, está sendo desmontado para usos futuros como máquina. Wanda não compreende, uma vez que para ela, Visão é muito mais do que um amontoado de *vibranium* (metal fictício do universo Marvel), é muito

mais do que uma superinteligência artificial, é muito mais do que um robô imbatível. Visão é o seu grande amor.

Nesse pedaço conseguimos ver o teste de realidade realizado pela feiticeira, que ao entender que não conseguirá dar um funeral digno a Visão, guia-se para a cidade de Westview junto do papel que oficializa a compra do terreno onde partilhariam a vida de casal. Wanda parece sentir todo o luto de uma só vez quando nota que não terá a possibilidade de viver tudo o que planejaram, acabando por liberar uma grande onda de energia como forma de externalizar seu sofrimento, criando, assim, o *Hex*, criando a sua realidade escarlate.

Nessa realidade totalmente moldável, Wanda realiza seus desejos de ser esposa e mãe, de cuidar da casa, do marido, dos filhos e conseqüentemente de tudo o que os cerca.

Como dito anteriormente, o processo de luto a partir da visão psicanalítica se dá com a remoção do investimento de energia libidinal no objeto que se perdeu, para redirecioná-la a novos objetos (FREUD, 1917 [1915]), um procedimento equivalente à sublimação, que Freud descreveu em 1905 como uma atividade que não se envolve diretamente com a sexualidade, mas que usa da pulsão sexual enquanto a desloca para um objeto não sexual, um objeto que é socialmente aceito e valorizado, fazendo com que o sujeito consiga lidar com o trauma, a dor, de maneira saudável e menos sofrida possível através dessa conversão. (ROUDINESCO e PLON, 1998)

Posto isto, a sublimação é uma aliada ao processo de luto, e é notável que Wanda não teve a oportunidade de redirecionar sua energia libidinal para outro aspecto que não fosse o mesmo ambiente, mascarado apenas pela felicidade fantasiosa, utópica, repetindo a sua dor de forma inconsciente.

Adicional a tal, em Além do princípio do prazer, Freud (1920) inicia dizendo que o aparelho psíquico é regulado pelo princípio do prazer, que seria uma recusa constante do sofrer, do desconfortável, do frustrante. Ou seja, mesmo em um momento onde há esse desprazer, o aparelho psíquico se empenha em desviar o investimento libidinal para um outro aspecto que vá diminuir o desprazer ou gerar prazer. (FREUD, 1920)

Se utilizarmos os conceitos de princípio da realidade e de princípio do prazer, onde o aparelho psíquico se constrói de um lado buscando a constante realização dos desejos e fantasias inconscientes, enquanto o outro rompe com essa idealização, mostrando que não é possível suprir todas as vontades; e se compararmos tudo isso com a situação onde Wanda transfere sua dor para os demais sujeitos da cidade, uma vez que suas perdas foram excessivas, ou seja, traumáticas, é possível concluir que esse exato movimento fictício se equipara a um movimento não tão fictício de formação de sintomas.

Wanda pode não ter tomado as melhores decisões para os que a cercavam, mas com certeza foi baseando-se no que seu aparelho psíquico aguentava. A forma como resolveu iniciar seu trabalho de luto ao criar o Hex é fundamentada primordialmente pela sua subjetividade. Para Facci (2022), alguns sujeitos enlutados tendem a começar a dar um novo sentido a perda somente depois de vivenciar no real o que vem sentindo no imaginário. Além disso, o luto exige criação, inovação, invenção, e essa foi declaradamente o método usado por Wanda em sua série. (FACCI, 2022)

É perceptível a correlação da teoria e da ficção de Wanda Maximoff quando analisamos que seus planos futuros de construir uma família, de viver uma vida “comum” com Visão naquela cidade pacata foram vedados, barrados, suspensos, impedidos de se realizarem devido a morte de Visão. Para sustentar essa falta, a feiticeira cria toda uma realidade em que consegue efetivar seus desejos.

Constantemente buscamos excessos para cobrirmos as faltas, uma vez que o sentimento de insuficiência de realização da utopia que nós mesmos criamos é prevalente. “Somos oprimidos por sonhos maiores que aqueles que podemos realizar.” (DUNKER, 2021, p. 20)

Percebe-se assim que o ponto de partida para todo o desfecho na vida de Wanda foram as perdas, e uma vez que perdemos, tendenciamos a buscar uma maneira de cobrir, de suprir a falta, pois é isso que nos move.

Wanda cobre essas faltas através de vingança, ódio e conseqüentemente repetições, continuamente tentando passar aos outros a dor sentida durante sua perda: objetivava

vingar seus pais quando quis matar Tony Stark; caçou Ultron, o vilão que matou seu irmão, para fazê-lo sentir a mesma dor que sentiu; e quase matou Thanos, quem assassinou Visão, em vingança ao próprio; e no episódio final da minissérie é mostrado que Wanda transmitia às pessoas qual controlava toda sua dor, quando um dos personagens admitiu sonhar seus pesadelos e viver o seu luto junto a ela.

Ao final, mais do que liberar os civis inocentes que viviam sob seus feitiços, Wanda libera a realidade escarlate em que vivia, conseqüentemente liberando uma parte dentro de si para que esta ocupe uma outra forma, um outro espaço. Wanda permite que Visão parta, mas sem a deixar por completo.

Como a própria verbaliza: ele é a sua tristeza e também esperança, é a parte da joia da mente que vive nela, ele é o seu amor. (WANDAVISION, 2021) Correlacionado à Dunker (2018), onde o teórico fala que o processo de luto se inicia a partir de ações psíquicas que visam, ao fim de tudo, integrar o objeto que foi perdido simbolicamente no Eu, abrindo também novas chances de haver um novo objeto de amor, podemos confirmar que Wanda, enfim, direciona a Visão o significado simbólico que tanto buscou, possibilitando restaurar a sua vida ao encerrar aquele luto.

Wanda nos mostra, da maneira como pôde, que o caminho pelo luto é duro e que quando não dito, quando não sentido em sua essência e minimamente compreendido, muita das vezes excede nosso controle, faz-nos viver em realidades utópicas quando negamos e nos isolamos, faz-nos sentir raiva, e assim buscamos conforto em barganhar por algo que não está no nosso alcance. Podemos nos afundar na onda que corre por todo o nosso corpo, porém com a esperança de que aprendamos a nadar nessa maré tão calmamente agressiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

WandaVision faz-nos pensar que apesar de não termos poderes mágicos, uma vez vivos estamos suscetíveis a passar pelo morrer, e essa passagem irá nos afetar

subjetivamente; alguns terão reações instantâneas de raiva, outros entrarão em um profundo sentimento de vazio, outros aparentarão estar calmos e bem resolvidos.

Wanda apresenta uma das variadas maneiras de iniciar e passar pelo processo de luto, onde cria uma vivência irreal para suprir suas faltas interiores, acabando por ficar em uma repetição constante e supostamente confortável, mas que é carregada de uma dor que tenta se esconder por detrás das câmeras, até o momento em que ela se permite reconhecer que a morte é tão viva quanto a própria vida.

Viver o trabalho do luto é tomar ciência de que se perdeu quando não se queria ter perdido. É fazer o teste de realidade e confirmar a existência da falta, é certificar que toda a energia que direcionávamos àquele objeto de afeto terá de ser redirecionada em um movimento que tende a ser cansativo. (FREUD, 1917 [1915])

Não é dizer que é fácil, mas é possível; possível dissolver a dor e transformá-la em criação, em uma energia que nos mova adiante. É possível se deixar doer, deixar arder, deixar cicatrizar, deixar existir, deixar amar. Porque afinal de contas, "o que é o luto, se não o amor que perdura?". (WANDAVISION, 2021)

REFERÊNCIAS

1. **A LOUCURA NOSSA DE CADA DIA:** Guilherme Facci. Spotify, 21 de mar de 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1JGmFxfjLOqsG0S8QcJurUt>>. Acesso em: 30 de mar de 2022.
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
3. BARCELLOS, Larissa Burmann; MOREIRA, Márcio Borges. **As cinco fases do luto de Elisabeth Kübler-Ross: fato ou ficção?**. Distrito Federal: Instituto Walden4, 2022. Disponível em: <https://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/burmann_moreira_2022_pdf.pdf>. Acesso em 12 de jun de 2022. [Recurso eletrônico]
4. CARAMORE, Juliana de Faria. **Aspectos do luto no ensino de Lacan.** 2004. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_ec8d03dd79e6d860e3c71053100d61e1>. Acesso em 03 de jun de 2022.
5. DUNKER, Christian. **Como acontece o luto? | Christian Dunker | Falando nisso 210.** Youtube, 23 de nov de 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/0Kz7jsXo6B4>>. Acesso em: 02 de set de 2022.
6. DUNKER, Christian. **Qual é a diferença entre o Real, o Simbólico e o Imaginário? | Christian Dunker | Falando nisso 13.** Youtube, 13 de abr de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aokkRvErfvM>>. Acesso em: 22 de mai de 2022.
7. DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Teoria do luto em psicanálise.** Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental. v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>>. Acesso em: 22 de mai de 2022.
8. DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão.** São Paulo: Planeta, 2021.
9. FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa.** Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/anna-freud-o-ego-e-os-mecanismos-de-defesa-completo.pdf>>. Acesso em 31 de jul de 2022. [Recurso eletrônico]
10. FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência.** In: Obras Completas, volume 10. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911-1913).
11. FREUD, Sigmund. **O além do princípio de prazer.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

(Trabalho original publicado em 1920).

12. FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
13. FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. *In*: Obras completas, volume 12. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916)
14. FOCHESSATO, Waleska Pessato Farenzana. **A cura pela fala**. Estud. psicanal. no.36. Belo Horizonte, 2011. <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016>. Acesso em 26 de jul de 2022.
15. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
16. JÚNIOR, Hélio Cardoso de Miranda. **Psicologia e justiça: a psicologia e as práticas judiciais na construção do ideal de justiça**. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/JWpDkHVyYWKnXNZBNJLCHKv/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de mai de 2022.
17. LETAMENDI, Drea. **Grief, storytelling, and WandaVision: the psychology of the Scarlet Witch**. 2021. Disponível em: <<https://www.fandom.com/articles/psychology-of-the-scarlet-witch-wandavision>>. Acesso em 26 de jul de 2022.
18. MARVEL. **Wanda Maximoff**. <<https://www.marvel.com/characters/scarlet-witch-wanda-maximoff/on-screen>>. Acesso em 26 de jul de 2022.
19. MATZ, Rosa Jeni. **Lacan – Coragem em vida e obra**. S/A. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cprj.com.br/pdf/artigo_lacan.pdf> Acesso em: 23 de mai de 2022.
20. MENDLOWICZ, E. **O luto e seus destinos**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/v8QBzBP6WNwrvGCLPg9fBwc/?lang=pt>>. Acesso em: 04 de abr de 2022
21. NASIO, Juan-David. **Sim, a psicanálise cura!**. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.
22. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

23. SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismos de defesa do ego**. 2010. Disponível: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>>. Acesso em 23 de mai de 2022.
24. SOLEDADE, Sunamita Gomes de; SOUZA, Lígia Cláudia Gomes de. **O peso do luto: um estudo sobre as representações da morte e o processo do luto na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Epitaya, 2021. Disponível em: <<https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/257/208>>. Acesso em: 14 de set de 2022.
25. VICENTE, Sônia. **O sem-tempo**. Cogito [online]. 2011, vol.12, pp. 47-50. ISSN 1519-9479. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 26 de nov de 2022.
26. **WANDAVISION** [Seriado]. Direção: Matt Shakman. Produção: Chuck Hayward. Estados Unidos: Disney Media Distribution, 2021. Disponível na plataforma de streaming Disney+.
27. ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimpressão, 2010. [Recurso eletrônico]